

ter, num excelente romance (aliás já traduzido para o francês pelas Edições Fleuve Noir) e que se intitula *L'Autre Côté de la Terre*.

Quanto às pessoas que desaparecem simplesmente sem deixar traços, conforme já afirmei, há algumas centenas de milhares. Até mesmo na Antártica pessoas desaparecem sem deixar vestígios. Foi isto o que aconteceu no dia 7 de maio de 1965 com um técnico em eletrônica, americano, chamado Carl Robert Disch, de vinte e seis anos. Foi procurado durante três dias, sem sucesso. Ao cabo de três dias, seu cachorro, que lhe era muito afeiçoado, também desapareceu sem deixar traços. . .

A impressão que se tem de tudo isto é que, por enquanto, um bloqueio mental geral nos impede de penetrar nestas regiões "do outro lado da Terra". Um bloqueio deste tipo existia na civilização ocidental, até o século XVIII, no que diz respeito ao alpinismo. As montanhas estavam ali, porém ninguém tivera a idéia de escalá-las. Depois, bruscamente, o encantamento foi rompido e a idéia do alpinismo se impôs.

Tratava-se, na verdade, de uma exploração da terceira dimensão, e é bastante curioso que, mais ou menos na mesma época, se tenha inventado o primeiro balão.

Repentinamente, a idéia de uma terceira dimensão, dimensão que no entanto estava ao alcance de nossas mãos, influencia os espíritos e provoca explorações. É realmente possível que uma abertura análoga aconteça amanhã no domínio das dobras dimensionais do espaço que nos escondem outros aspectos desta Terra. É até possível que o presente livro possa contribuir um pouco para essa evolução. Os outros lados da Terra talvez sejam tão facilmente acessíveis quanto as montanhas ou a atmosfera, e talvez seja mais

necessária uma atitude mental do que máquinas. Se levarmos a sério as idéias tradicionais, existem, de qualquer forma, na Terra, pessoas que sabem, que visitaram os aspectos desconhecidos da realidade terrestre, e que vão e vêm entre cidades e até mesmo países de cuja existência nem suspeitamos em nossa realidade de três dimensões. Dentro desta perspectiva, Agartha, país lendário do Rei do Mundo, ou, para citar um exemplo da ficção científica, *Le Gouffre de la Lune*, de Abraham Meyritt (Hachette), não seriam domínios subterrâneos, mas sim porções de outras superfícies da Terra.

Falta-me espaço para enumerar todas as maneiras pelas quais estes aspectos "paralelos" da Terra foram tratados dentro da ficção científica. Talvez algum dia cheguemos a estudar determinadas descrições da ficção científica com o mesmo cuidado que dispensamos ao estudo da ficção científica precursora da energia atômica ou dos foguetes. Um grande número de lugares, tanto do lado de cá da Lua como do outro, foram batizados com nomes tirados da ficção científica. É bem possível que lugares que não figuram no mapa também sejam assim denominados quando forem explorados.

Enquanto isso, os únicos documentos realmente científicos que possuímos sobre o assunto, são as 250 mil fotografias da N.A.S.A. que não mostram a Terra como a conhecemos; o fenômeno parece começar aos 300 quilômetros de altura e acentuar-se muito mais aí pelos 1 000 quilômetros. Ora não localizamos os continentes, ora vemos outros. Uma fotografia particularmente curiosa encobre o local da grande cidade industrial americana de Detroit.

Nenhuma destas fotografias foi jogada fora, estão todas nos arquivos da N.A.S.A. e podem ser consul-